

ENTREVISTA // RODGER KLINGLER

Deportado do Brasil há 20 anos, alemão lança livro no qual revive os quatro anos de cadeia no país

TERESA MELLO

Ele ainda fala um português de gringo com sotaque carioca. Depois de ter sido deportado para sempre do Brasil 20 anos atrás, o alemão Rodger Klingler, 44 anos, mergulha na memória para reviver a tentativa de sair do aeroporto do Rio de Janeiro com 1kg de cocaína embutida nas ombreiras do casaco.

Era véspera de Natal, 24 de dezembro de 1984. Foi barrado logo na alfândega e levado para a carceragem da Polícia Federal, na Praça Mauá, onde, conforme relata no seu segundo livro, Memórias do submundo, os policiais cheiraram a mercadoria de origem boliviana na frente dele. E confiscaram 500g. Resultado: respondeu a processo por tráfico de 500g da droga. Condenado a quatro anos e meio de

detenção, cumpriu pena em três presídios: Água Santa (penitenciária Ary Franco), Galpão (presídio Evaristo de Moraes, na Quinta da Boa Vista) e Lemos de Brito (do Complexo Frei Caneca). No início, ele se sentia como se estivesse em um filme. Enxergou o valor de um cobertor, um colchonete, um sabonete e uma escova de dentes. E também a multidão de baratas e ratos. À noite, era sacudido pelo "grito dos mortos"

(execução de presos por facção rival). Sem apoio do consulado e da família — até hoje a mãe e o único irmão não falam com ele —, deu um jeito de não enlouquecer. Sem dinheiro e sem amigos, começou a receber ajuda inesperada: uma prostituta de Copacabana arranhou-lhe um advogado e um colega de cela repartia os quitutes trazidos pela mãe. Mas os maiores benefícios chegaram

por meio do trabalho de catalogação dos 1.500 livros da biblioteca, que acarretou remissão de seis meses da sentença, e do professor voluntário de português Arthur Ribeiro Bastos Filho, com quem aprendeu que ser íntegro e honesto vale a pena. Casado e com uma filha de 13 anos, trabalha com jovens desajustados numa escola em Ingolstadt, perto de Munique, de onde conversou com o Correio.

Nas grades do tempo

Como foi recordar as viagens ao Brasil e os quatro anos de prisão?

Certas coisas na vida você nunca esquece. Você pode até viver bem com elas, mas elas marcam a gente. Algumas lembranças foram duras, mas também tenho lembranças "que meu coração está rindo". É a minha história e ela vale a pena ser escrita. Saí do inferno, mas muitos outros ficaram. Sinto muita pena da miséria que vi durante quatro anos.

Você diz que conheceu um traficante negro, morador da favela Santa Clara e estudante de arquitetura. Essa pessoa existiu?

Sim, essa pessoa existiu mesmo. Ele era da favela. É incrível, porque todo mundo pensa que as pessoas na favela não têm estudo. A maioria pode ser, mas encontrei muitas pessoas normais na favela.

Antes de vir ao Brasil, seu único contato com drogas havia sido em palestras de prevenção na escola. Quando você chega, conhece logo prostitutas e o alemão Volker, um pequeno traficante do asfalto. Como foi essa mudança?

Eu tinha 18 anos e as circunstâncias que encontrei no Brasil, tudo rolou assim. Fui viver em Copacabana e você sabe que lá se encontra essa gente. Eu sabia o que todo mundo sabe sobre Copacabana, o que está esperando encontrar: mulheres, drogas, essas coisas. Claro que você sempre tem escolha, mas acho que todo mundo tem um destino e talvez eu tivesse de passar por isso, escrever esse livro.

Você ainda sonha com essa experiência?

As vezes. Nos últimos tempos mais, porque quando escrevi o livro, eu tinha de recordar. Quando saí do Brasil (em janeiro de 1989), tive problemas, suava, não conseguia dormir direito, tinha pesadelos. Fiz um tratamento psicológico e as coisas ficaram mais ou menos em ordem.

A vida na cadeia geralmente é mostrada como um sofrimento sem fim. Mas você conta que também há risos e bons momentos. Pode citar alguns?

Quando fiz os dois gols no jogo contra o time dos policiais. Eu raramente fui mais feliz. Quando conversava com os colegas, porque para mim tudo era novo, quis saber de tudo, eu entrei num mundo que parecia um filme. Mas o pior é que você pode morrer à toa, sem ter nada a ver. Você tem que cuidar da sua vida o tempo todo. E a péssima alimentação, para quem não tem dinheiro ou assistência da família. Vi muitos presos morrerem por causa de uma simples inflamação, por falta de antibiótico.

Você escreveu que aprendeu muito a respeito da vida nas penitenciárias brasileiras...

Aprendi a valorizar as coisas simples como alimentar bem, avaliar o que significa viver em liberdade, reconhecer que hoje, mesmo não sendo rico, você não pode reclamar, porque, ao contrário de muitos, você leva uma vida boa, tem casa, geladeira, cama para dormir, essas coisas a que antes eu não dava valor.

Na tentativa fracassada de embarcar com 1kg de cocaína, você foi encaminhado à sede da Polícia Federal, na Praça Mauá. Você afirma que o delegado fungava e que havia pó no bigode dele.

Na sala, todos os policiais federais cheiravam a minha cocaína na minha frente. Parece que gostaram da mercadoria e já tiraram metade da quantidade porque, quando fui processado, tive de me responsabilizar por 500g. Você imagina que não reclamei, né?

Chama a atenção a parte em que você está no hotel tentando colocar 1kg da droga dentro de sabonetes para embarcar. Você cheira pó, raspa o sabonete, cheira mais e descobre que em cada um deles só cabiam 30g. No final, você cheira raspas de sabonete pensando que era cocaína.

Que momento horrível! Olha, disso não quero lembrar porque foi um momento muito escuro na minha vida.

Você fala que achou "emocionante participar de uma verdadeira negociação de drogas" em Campinas e descreve a experiência como "férias de aventura".

Na época, eu estava com 18 anos e a gente se sente meio aventureiro. E você imagina que, para mim, uma transação dessas foi uma coisa! E com a naturalidade toda que aconteceu (um sítio onde o traficante plantava abóboras e vivia com a mãe, a mulher e os filhos), bem diferente do que a gente vê no cinema. Isso me fascinou realmente.

Inclusive os três pratos de feijoada que você comeu lá.

Isso foi o melhor. Eu já fui a vários restaurantes brasileiros aqui na Alemanha, mas a feijoada que se come aqui não se compara. E, na maioria, eles não têm feijoada, oferecem churrasco.

Que recordação guarda dos três presídios em que ficou?

Cada um foi diferente. Agora, o que mais ficou na minha memória foram os gritos dos mortos (execução de detentos) à noite. Com uma certa rotina, você já sabe o que está acontecendo.

No Galpão, impressiona aquela estrutura com paredes de 4m de altura, telhado a 30m e os presos circulando no alto desses muros.

Reinhold Weinstetter/Divulgação



“ TENHO SAUDADE DO MAR, DA PRAIA, DO JEITO DE VIVER. ACHO QUE NUMA VIDA ANTERIOR FUI BRASILEIRO ”

Essa cadeia era uma fábrica antiga e as pessoas andavam nesse muro de uma cela para outra. Era incrível. Acho que a minha história daria um bom filme e tenho um roteiro pronto. Li o livro *Carandiru*, do Drauzio Varella, e o do Guilherme Fiúza, *Meu nome não é Johnny*. Nele, achei esquisito o preso receber visita de uma juíza na cadeia. Não consegui me identificar.

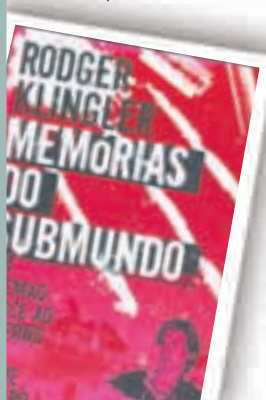
Você diz que recebia poucas cartas da sua mãe e com palavras ásperas. Qual a relação com ela 25 anos depois?

Nenhuma. Fiz tentativas, mas ela não quer. Lamento porque mãe é mãe, né? Foi um erro, mas eu paguei e a vida continua. Tenho só um irmão, mas ele tem a mesma opinião da minha mãe. Eles não conseguem perdoar.

Ano passado, você teve o pedido negado pelo Ministério da Justiça para vir ao Brasil assinar o contrato do livro com a editora. Tem vontade de voltar?

Ah, que pergunta! Eu gostaria de viver no Brasil. Esse fascínio, tenho desde pequeno, não sei por quê. Da primeira vez que fui, me senti em casa. Tenho saudade do mar, da praia, do jeito de viver. Acho que numa vida anterior fui brasileiro.

Elmo Rosa/Reprodução



MEMÓRIAS DO SUBMUNDO

De Rodger Klingler. Tradução de Elena Gaidano. Editora Best Seller, 384 páginas, R\$ 29.